

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

Caminhos editoriais na trajetória intelectual de Conceição Evaristo

BÁRBARA ARAÚJO MACHADO*

Introdução

O presente artigo decorre de considerações elaboradas no bojo da pesquisa de mestrado intitulada “Conceição Evaristo e a intelectualidade negra no contexto do movimento negro brasileiro contemporâneo”.¹ Essa pesquisa tem como questão geral compreender a relação entre literatura e militância e, mais amplamente, entre cultura e política, no movimento negro brasileiro contemporâneo. Em particular, pretende-se analisar a trajetória e a obra da escritora Conceição Evaristo para observar de que formas a intelectualidade negra tem se organizado e quais as estratégias utilizadas por ela para formar uma identidade negra combativa e reivindicatória de direitos em uma sociedade dominada pela idéia hegemônica da democracia racial.

Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em 1946 em uma favela na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais. Após ter se formado em uma escola normal no início da década de 1970, se mudou para o Rio de Janeiro para ingressar no magistério público. No Rio, Conceição encontrou um movimento negro cada vez mais intenso, em consonância com um momento histórico marcado pela luta dos negros norte-americanos por direitos civis e pelos movimentos de descolonização dos países africanos. Em 1976, iniciou a graduação em Letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro, interrompida em 1980 por conta do nascimento de sua filha Ainá, e concluída no ano de 1989. Durante a década de 1980, Conceição participou do grupo *Negrícia – Poesia e Arte de Crioulo*, juntamente com outros artistas negros cariocas. O grupo atuava realizando recitais de textos literários em favelas, presídios e bibliotecas públicas, além de participar de atividades como a organização de encontros nacionais de escritores negros. Em 1990, Conceição publicou seu primeiro texto nos *Cadernos Negros*, editados pelo grupo paulista

* Mestranda de História da Universidade Federal Fluminense (UFF) e bolsista CAPES.

1 Consideramos como fase contemporânea do movimento negro o período entre a criação do Movimento Negro Unificado em 1978 até os dias atuais (cf. DOMINGUES, 2007). Acreditamos que, apesar das importantes mudanças ao longo desse tempo, os pressupostos fundamentais estabelecidos na criação MNU ainda orientam a militância negra atualmente, possibilitando que utilizemos tal periodização.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PARÁRUF

Quilombhoje. Desde então, publicou diversos poemas e contos nos *Cadernos*, além de dois romances (2003, 2006), uma coletânea de poemas (2008) e um livro de contos (2012). Além da atuação política e literária, Conceição Evaristo é mestre em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1996) e doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (2011). Assim, além de obra literária, ela também tem produzido reflexões de cunho acadêmico sobre literatura negra brasileira e literatura africana.

Neste artigo, voltaremos o olhar para a produção literária publicada por Conceição Evaristo, não no sentido de fazer uma análise de seu conteúdo, mas percebendo-a como uma produção material que não envolve apenas a autora. Como afirma Roger Chartier, “o processo de publicação, seja lá qual for sua modalidade, é sempre um processo coletivo que requer numerosos atores” (CHARTIER, 2007: 13). Para o historiador, a materialidade do texto escrito tem “um papel essencial nos processos de produção do sentido”. Assim, “o formato do livro, os modos de divisão do texto, as convenções tipográficas são investidas de uma ‘função expressiva’” que influencia a apreensão do texto pelos leitores. Esses dispositivos formais são “organizados por uma intenção, seja do autor ou do editor” e “visam conformar a recepção, controlar a interpretação, qualificar o texto” (CHARTIER, 1991: 6). Essa perspectiva analítica chama atenção para o envolvimento de diversos agentes na publicação e distribuição de um livro e para a influência exercida por esses agentes na construção de significado sobre o texto através das escolhas feitas em sua produção. Mais do que um objeto inerte, o texto escrito percorre um caminho entre o original produzido pelo autor, passando pela produção editorial e pela distribuição, e chegando por fim à apropriação ativa feita pelo leitor, que não corresponde necessariamente às representações sugeridas pelos mecanismos de conformação da leitura.

A relação entre esses diversos agentes é entendida aqui a partir do conceito de *campo* de Pierre Bourdieu. O sociólogo define campo como um espaço intermediário entre o conteúdo textual de uma produção cultural e o contexto histórico macrocósmico em que foi ela produzida. Nesse espaço “estão inseridos os agentes e as instituições que produzem, reproduzem ou difundem a arte, a literatura ou a ciência” (BOURDIEU, 2004: 20). Analisar a *trajetória* de Conceição Evaristo, portanto, significa perceber as “*posições* sucessivamente ocupadas” por ela

em cada campo, bem como as relações que estabeleceu com os demais agentes inseridos nos campos (BOUDIEU, 2006: 189-190).

Longe de querer fazer um mapeamento exaustivo da dinâmica dos campos nos quais Conceição Evaristo se inseriu e se insere, procuraremos neste artigo deter o olhar sobre os processos de produção editorial de suas publicações literárias, percebendo-os no contexto do campo editorial e evidenciando as relações entre os agentes envolvidos em cada um desses processos. Perceber de que forma a autora estabeleceu sua rede de relações para realizar cada publicação pode ajudar a compreender o funcionamento do campo editorial de literatura negra e as estratégias utilizadas pelos artistas negros para viabilizar a difusão de sua obra, de caráter marcadamente militante.

Caminhos editoriais

No texto biográfico sobre Conceição Evaristo no portal Literafro, vinculado à Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, o ano de 1990 aparece como o marco da estréia da autora na literatura.² Nesse ano foi publicado o poema “Vozes-Mulheres” nos *Cadernos Negros*, editados pelo grupo paulistano Quilombhoje. Conceição, em entrevista, reafirma esse marco como sendo a data de sua primeira publicação, contando que escrevia textos literários desde a juventude, mas que durante muito tempo “não pensava em publicar” (Evaristo, 2010: s.p.). A autora faz a ressalva, no entanto, de que já havia publicado uma crônica, ainda em Belo Horizonte, no fim da década de 1970, mas parece desconsiderar essa publicação ao afirmar: “mas eu *realmente* só vou publicar nos anos 90” (EVARISTO, 2010: s.p., grifo nosso). A opção pelo marco do ano de 1990 como estréia na literatura é, portanto, significativa, ainda mais se considerarmos a experiência da autora como escritora não-publicada ao longo de toda a década de 1980, quando integrava o grupo Negrícia.

² Disponível em <http://www.letras.ufmg.br/literafro/data1/autores/43/dados.pdf>. Acesso em 10 jan. 2013.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

O Negrícia foi criado no Rio de Janeiro no início dos anos 1980 – o ano exato é difícil de se precisar – à semelhança do grupo Quilombhoje,³ que tinha como proposta “discutir e aprofundar a experiência afro-brasileira na literatura”.⁴ O coletivo de escritores negros carioca atuava promovendo debates sobre literatura negra, racismo, machismo, entre outros temas, além de promover leituras em locais de periferia e em eventos vinculados a outras organizações do movimento negro. Através do grupo, Conceição estabeleceu contato com diversos artistas e militantes do movimento não apenas do Rio, mas de outros estados. Foi a experiência do Negrícia que viabilizou sua participação na publicação do volume 13 dos Cadernos Negros:

“Eu participava já com o grupo Negrícia, participava de recital, falava meus textos, mas tudo inédito. A professora UFRJ me falou do grupo Quilombhoje, mas eu não prestei muita atenção, até que Deley de Acari! Deley de Acari é que quando mandou meu endereço pra uma das meninas [ligadas ao Quilombhoje], Miriam Alves, também escritora. Ele deu meu endereço e depois veio [o convite]” (EVARISTO, 2010: s.p.).

Conceição atribui uma importância muito grande para o grupo Quilombhoje, não apenas em sua trajetória pessoal, mas no campo literário, de modo geral. De fato, o grupo segue atuante e editando os *Cadernos* até a atualidade, enquanto o Negrícia cessou suas atividades em fins dos anos 1980. Sobre o Quilombhoje, Conceição afirma:

“Eu digo que ele é um ritual de passagem pra muitos de nós. (...) O dia que os críticos de literatura brasileira estiverem mais atentos pra escrever a história da literatura brasileira, querendo ou não eles vão incorporar a história do grupo Quilombhoje. Tem que ser incorporada. Na área de literatura brasileira como um todo, é o único grupo que (...) tem uma publicação ininterrupta durante 33 anos. (...) Acho que quando surgirem historiadores, críticos que tenham uma visão mais ampla da literatura, vai ser incorporada. Essa é a dívida que a literatura brasileira tem com o grupo Quilombhoje” (EVARISTO, 2010: s.p.).

É possível perceber nesse trecho o significado atribuído pela autora ao fato de ter estreado e de ter seguido publicando textos nos *Cadernos Negros*. Para ela, ter participado e, principalmente, *estreado na literatura* com uma publicação nos Cadernos a insere

³ Entrevistei três membros fundadores do grupo Negrícia: o poeta e ativista Deley de Acari, o escritor Éle Semog, além da própria Conceição Evaristo, e cada um localizou a data de fundação do Negrícia em anos diferentes. É seguro afirmar, contudo, que esta se deu na primeira metade da década de 1980 (ACARI, 2012; SEMOG, 2012).

⁴ Disponível em <http://www.quilombhoje.com.br/quilombhoje/historicoquilombhoje.htm>. Acesso em 10 de jan. de 2013.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

definitivamente na história da literatura negra brasileira e da literatura brasileira, mais amplamente. O marco da primeira publicação localizado em 1990 carrega muito mais poder simbólico, para usar o conceito bourdieusiano, do que se fosse levada em consideração a crônica publicada em Belo Horizonte no fim dos anos 1970.

Além de marcar sua estréia como autora publicada, o ano de 1990 é o início de uma década em que Conceição Evaristo deixa para trás a atuação no Negrícia e passa a ter uma atuação mais significativa dentro da academia, ingressando no mestrado em 1996. Nesse momento, ela se individualiza na militância, ao mesmo tempo em que ascende no campo intelectual: nos últimos anos, a autora tem obtido cada vez mais destaque como escritora negra brasileira, tornando-se não apenas o nome mais conhecido dentre os membros do extinto grupo Negrícia, mas uma das grandes referências na história da literatura negra brasileira.⁵

Esse movimento de passagem de uma militância mais “concreta” em organizações do movimento negro para o espaço da universidade não é um ineditismo da história de Evaristo e tem sido digno de nota: muitos intelectuais negros advindos do movimento negro trazem “uma ética da convicção antirracismo que, associada e em interação com o conhecimento acadêmico-científico adquirido dos programas de pós-graduação de universidades, produz nestes intelectuais um *ethos* acadêmico ativo que orienta as suas pesquisas, estudos, ações, bem como as suas atividades profissionais de professores universitários” (SANTOS, 2011: 1). Segundo Bourdieu, “todo campo, o campo científico, por exemplo, é um campo de forças e um campo de lutas para conservar ou transformar esse campo de forças” (BOURDIEU, 2004: 22-23) Os intelectuais negros que adentram o campo intelectual e, em particular, o acadêmico, podem, portanto, ser vistos como agentes que visam à subversão de certas regras do jogo. Nesse sentido, Conceição Evaristo afirma que sua presença na universidade só faz sentido na medida em que associa academia e militância. Segundo ela, enquanto local de produção de saber – “e aí a gente vincula saber a poder” – a teoria deve servir ao propósito “de estar modificando um pouco a ordem das coisas” (EVARISTO, 2010: s.p.).

A vida acadêmica aumentou a rede de relações com a intelectualidade negra na trajetória de Conceição: além de artistas e escritores, integravam-na agora pesquisadores e professores

⁵ Cf. <http://www.letras.ufmg.br/literafro/data1/autores/43/dados.pdf>. Acesso em 10 jan. 2013.

negros engajados em relação à questão racial. Cabe observar, nesse ponto, que também não é incomum que o limite entre artistas e professores não esteja sempre tão claro. Escritores negros como Luiz Silva, o Cuti, e Jussara Santos, produzem também reflexões de cunho acadêmico sobre a literatura negra brasileira (CUTI, 2010 e SANTOS, 2003).

Embora a intensificação dessa rede e a “dupla função” de escritora e acadêmica tenha conferido à Conceição uma posição de prestígio nos campos em que se insere, a condição de gueto imputada à literatura negra dentro da literatura brasileira faz com que esse prestígio não signifique necessariamente privilégio. Isso fica claro quando observamos os processos de produção editorial dos livros lançados por Conceição.

Seu primeiro romance, *Ponciá Vicêncio*, data de 2003 e é ainda sua obra mais conhecida e difundida, tendo uma reimpressão em versão de bolso e uma tradução para a língua inglesa. A editora, Mazza, foi procurada por Conceição para realizar a edição:

“A Mazza eu já conhecia há anos, a pessoa Mazza, a dona da editora, porque ela é mineira, eu também. (...) A editora Mazza teve uma importância muito grande na história do movimento negro porque foi a primeira editora a trabalhar [especificamente] com autores negros. Então eu (...) resolvi perguntar se ela não queria publicar *Ponciá Vicêncio*. Só que a Mazza não é uma grande editora, quer dizer, hoje está até maior, mas naquela época não era uma grande editora. Então na verdade ela aceitou publicar, mas eu tinha que bancar. Então eu fiz um empréstimo bancário, levei mais de um ano pagando, no vermelho, e publiquei *Ponciá Vicêncio*” (EVARISTO, 2013: s.p.).

No mesmo ano de publicação de *Ponciá*, foi promulgada a lei 10.639/03, que altera a lei 9.394/96 das Diretrizes e Bases da Educação Nacional, e determina a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas do Brasil. Nesse contexto, e diante da boa recepção da crítica literária e da crescente importância que Conceição adquiria no campo acadêmico, o romance passou a integrar em 2004 a bibliografia indicada para o vestibular da Universidade Federal de Minas Gerais. A indicação para o vestibular é o provável motivo para a reimpressão feita em 2006 pela Mazza de uma edição de bolso do romance, menor e mais barata do que a edição original, provavelmente voltada para estudantes.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

O sucesso de *Ponciá* não fez com que o livro chegasse aos circuitos de distribuição mais amplos, como as grandes livrarias. Atualmente, é possível adquiri-lo em livrarias especializadas em temas afro-brasileiros, como a Kitabu, no centro do Rio de Janeiro, e em eventos como a Primavera dos Livros, promovida pela LIBRE – Liga Brasileira de Editoras, uma organização de editoras independentes que reúne editoras universitárias e de pequeno e médio porte, da qual a Mazza é membro.⁶ Por outro lado, a posição de prestígio que Conceição ocupa no campo intelectual afro-brasileiro viabilizou a difusão internacional de sua obra. Foi por conta de um evento acadêmico para o qual foi convidada a fazer uma comunicação que surgiu a possibilidade de lançar uma edição de *Ponciá Vicêncio* em inglês. Elzbieta Szoka, dona da editora norte-americana Host Publications e professora de literatura da Universidade de Columbia, veio ao Brasil para um seminário sobre mulheres e literatura, em Belo Horizonte, do qual Conceição fora convidada para participar, juntamente com Esmeralda Ribeiro e Miriam Alves, a escritora do grupo Quilombhoje envolvida na publicação de seu primeiro texto nos *Cadernos Negros*. Esse encontro resultou na publicação de textos das três brasileiras na coletânea editada pela Host intitulada *Fourteen Female Voices from Brazil*, sendo o de Conceição Evaristo o conto “Ana Davenga”, publicado anteriormente nos *Cadernos*. Diante da boa recepção do conto pelo público norte-americano, a Host realizou em 2007 a tradução para a língua inglesa de *Ponciá Vicêncio*, que hoje se encontra na segunda tiragem. Esse cenário de aceitação de *Ponciá* resultou ainda num convite da Mazza em 2006 para publicar mais um romance de Conceição, *Becos da Memória*. O livro foi escrito por Conceição em 1988, ano do centenário da abolição, quando houve uma movimentação sem sucesso do Instituto Palmares para publicá-lo.

Após a publicação de *Becos da Memória*, a autora lançou em 2008, pela editora Nandyala, a coletânea *Poemas de recordação e outros movimentos*, edição que teve que bancar integralmente, mais uma vez. Quando questionada do porquê da mudança de editoras, Conceição afirma que, além de querer diversificar sua experiência de publicação, era uma forma de fortalecer uma nova editora voltada para a temática afro-brasileira. Enquanto a Mazza foi fundada em 1981 e compõe a LIBRE, a Nandyala foi fundada em 2006 por Íris Amâncio,

⁶ Cf. <http://www.libre.org.br/>. Acesso em 10 de jan. 2013.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

escritora negra e professora adjunta do departamento de Letras da Universidade Federal Fluminense, onde Conceição realizou seu doutorado:

“A Íris estava surgindo no mercado, era uma outra mulher negra que estava também com uma editora (...). Porque é muito difícil você se afirmar no mercado, né? Mas quanto mais editoras existirem, [melhor]. Essas editoras pequenas [travam] uma luta desigual com uma Companhia das Letras, por exemplo” (EVARISTO, 2013: s.p.).

Em 2011, Conceição publicou uma coletânea de contos também pela Nandyala, *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, tendo bancado 60% da produção e o restante ficando a cargo da editora.

Ser uma escritora negra brasileira de prestígio é ser uma escritora *negra brasileira*, o que significa ocupar um lugar importante dentro de um campo que, por sua vez, está em uma posição subalterna no campo mais amplo da literatura brasileira. Com os avanços institucionais alcançados graças às lutas travadas pelo movimento negro, como a lei 10.639 e a crescente importância dos temas afro-brasileiros e africanos no universo acadêmico, a literatura negra brasileira vive um conflito entre o desejo de integrar o cânone, como “perturbador suplemento de sentido ao conceito de literatura brasileira”, e o desejo de permanecer específico, dando mais destaque ao seu aspecto “negro” do que a um aspecto “afro-brasileiro”.⁷ Esse problema da especificidade, que envolve não apenas uma afirmação política, mas uma necessidade de promover uma visibilidade inexistente no que depende da literatura brasileira canônica, é perceptível não apenas no campo acadêmico e literário, mas no campo editorial. A existência de editoras voltadas para temáticas afro-brasileiras como a Mazza e a Nandyala é um fenômeno tão significativo quanto inexplorado academicamente. Os compêndios de história do livro e da produção editorial no Brasil não abordam o surgimento e o fortalecimento das editoras e livrarias negras, talvez pela falta de uma organização institucional entre elas, como uma associação de editores negros que pudesse lhes conferir mais visibilidade, ou talvez simplesmente porque a

⁷ Sobre o debate envolvendo a nomeação “literatura negra brasileira” versus “literatura afro-brasileira”, cf. Cuti, 2010.

disciplina da história ainda não se debruçou adequadamente sobre o movimento negro recente e seus aspectos políticos e culturais.

Conclusão

Pudemos perceber, analisando os caminhos editoriais percorridos por Conceição Evaristo, como o envolvimento de uma série de agentes no processo de produção editorial pode se dar na base das relações interpessoais. Esse quadro pode ser melhor compreendido se considerarmos alguns aspectos da história do campo editorial. Roger Chartier afirma que, desde o século XIX até recentemente, as editoras tem sido caracterizadas por uma “natureza pessoal”, na qual os editores “imprimem uma marca muito pessoal à sua empresa”, inventando “novos mercados (novos ‘nichos’, diríamos hoje)” (CHARTIER, 1999: 51-52). De fato, tanto a Mazza e a Nandyala são reconhecidas pelos escritores e pelos leitores em relação à personalidade da pessoa-editora, respectivamente as intelectuais negras mineiras Maria Mazzarello Rodrigues e Íris Amâncio. Ambas as editoras foram fundadas com o intuito de proporcionar um espaço editorial previamente inexistente ou muito pequeno, com o objetivo de difundir textos sobre assuntos afro-brasileiros e de autoria de pessoas negras.

Pequenas editoras como essas, cuja especificidade é seu recorte temático de cunho político, enfrentam uma recomposição recente do campo editorial, na qual figuram as grandes editoras que Chartier caracteriza como “empresas multimídia, de capital infinitamente mais variado e muito menos pessoal” (CHARTIER, 1999: 51-52). Essas grandes empresas editoriais operam com outra lógica de mercado, sem uma definição ideológica pública, como no caso das editoras negras. A classificação proposta por Gustavo Sorá pode ajudar a caracterizar esses dois tipos de editoras. Ele identifica editoras que seria “empresas comerciais”, “orientadas por investimentos seguros a curto prazo”, e as que seriam “empresas culturais”, “orientadas por investimentos arriscados a longo prazo”. Essa diferença se manifesta

“nos gêneros tratados, nas concepções de autor, nas tiragens, nos estilos de lançamentos de títulos, nos circuitos de difusão utilizados, nas estratégias de reedição e,

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

fundamentalmente, nas formas de adquirir textos, de se relacionar com os escritores, com seus leitores e com os leitores que pretendem alcançar” (SORÁ, 1997: 154).

Podemos considerar, portanto, as editoras negras como empresas culturais que, considerando a concorrência com as empresas comerciais, enfrentam enorme dificuldade de distribuição e mesmo de manutenção da própria existência. Se o mercado editorial é, antes de tudo, um *mercado*, conseqüentemente, as empresas editoriais comerciais permanecem com as vantagens materiais de produção e circulação.

Por fim, vale assinalar as dificuldades enfrentadas por Conceição Evaristo para publicar sua obra, a despeito de sua importante posição conquistada no campo literário e no campo acadêmico. Se hoje a autora ocupa um lugar destacado no âmbito da literatura negra, é sintomático que ela ainda tenha que pagar por parte da edição de seus livros. Isso revela a condição de gueto que a literatura negra ocupa dentro do campo editorial amplo, bem como a posição problemática da literatura negra em relação à literatura brasileira, como destacamos anteriormente.

Bibliografia

- ACARI, Deley de. Entrevista concedida a Bárbara Araújo Machado em 27 de abril de 2012, Rio de Janeiro.
- BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos & abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- _____. *Os usos sociais da ciência: Por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- CHARTIER, R. *Inscrever e apagar: cultura escrita e literatura, séculos XI-XVIII*. São Paulo: UNESP, 2007.
- _____. O texto: entre o autor e o editor. In: _____. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: UNESP/ Imprensa Oficial do Estado, 1999.
- _____. Préface: Textes, Formes, Interprétations. In: MCKENZIE, D.F. *La bibliographie et la sociologie des textes*. Paris: Éditions du Cercle de la Librairie, 1991.
- CUTI. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.
- DOMINGUES, Petrônio. “Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos”. *Tempo*, Rio de Janeiro, n.º. 23, 2007, pp. 100-122.
- EVARISTO, C. *Becos da Memória*. Belo Horizonte: Mazza, 2006.
- _____. Entrevista concedida a Bárbara Araújo Machado em 15 jan. 2013, Rio de Janeiro.
- _____. Entrevista concedida a Bárbara Araújo Machado em 30 set. 2010, Rio de Janeiro.
- _____. *Poemas de recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.
- _____. *Ponciá Vicêncio*. 1ª reimpressão. Belo Horizonte: Mazza, 2003.
- SANTOS, Jussara. *Intelectualidades negras ou outsiders no Brasil*. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.
- SANTOS, Sales Augusto dos. “A metamorfose de militantes negros em negros intelectuais”. In: **Revista Mosaico**, edição 5, ano III, Brasília, set. 2011.
- SEMOG, Ele. Entrevista concedida a Bárbara Araújo Machado em 25 de maio de 2012, Rio de Janeiro.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

SORÁ, Gustavo. Tempo e distâncias na produção editorial de literatura. *Mana*, Rio de Janeiro, vol. 3, n. 2, out. 1997, pp. 151-181.